

(DE)semelhanças dos espaços de vivências nos romances Becos da memória, de Conceição Evaristo e Torto arado, de Itamar Vieira Junior

Hanaliza Ferreira da Silva¹

“A noite veio caindo lenta e carregada de pontos luminosos lá no céu. Aquela seria a sua última noite na favela. [...] Havia o medo, o incerto, o imprevisível do amanhã. Mas havia a tenacidade, a força, o desejo de vida.”

Conceição Evaristo

“Sobre a terra há de viver sempre o mais forte.”

Itamar Vieira Junior

É crescente a discussão alçada em torno da categoria de espaço e do seu influxo no tecido literário. Com vistas aos desdobramentos que este elemento da narrativa produz, alguns estudos têm se debruçado na investigação do produto gerado e experimentado pelos sujeitos, a partir do pertencimento a espaços sociais específicos, a exemplo, daqueles considerados marginais. Deste ponto de vista, o leitor se afasta da visualização de um recorte geográfico isolado, para buscar proximidade na relação entre comunidades específicas lançadas a condições subalternas em suas experiências de vida integrando espaços marcados por interditos.

Ocorre o deslocamento do foco urbano que outrora vigorava na produção literária brasileira, com ênfase nos grandes centros socioeconômicos do país. Nesse sentido, convém citar, o trabalho do escritor Graciliano Ramos, autor de *Vidas secas* (1938), cuja obra narra pobreza e miséria experimentadas por retirantes da região nordeste, trazendo o sertão às cenas do texto literário, como feito em momento anterior, em trabalhos como *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida e *O quinze* (1930), da escritora Rachel de Queiroz.

Outra possibilidade de representação que a categoria de espaço ganha na literatura permanece situada dentro dos centros urbanos, contudo, deságua em zonas negligenciadas pelo acesso às políticas públicas. As favelas fornecem o exemplo para esta segunda vertente, como acontece em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) quando a escritora Carolina Maria de Jesus revela a face paulistana que a cidade grande tenta camuflar. Jorge

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Contato: hanalizafs@gmail.com.

Amado, por sua vez, pinta a imagem da cidade de Salvador, outro importante centro comercial e econômico, pela perspectiva da situação de rua na obra *Capitães da areia* (1937).

Dito isso, observa-se que a literatura brasileira, a partir de seus escritores, tem engendrado nas narrativas as distintas esferas sociais que os indivíduos ocupam, atreladas às discussões que o espaço provoca com vistas a incidência dos acontecimentos históricos que percorreram o país e aos fluxos econômicos, políticos, tecnológicos e culturais. Como afirma a professora e pesquisadora Regina Dalcastagnè (2015), o estudo sobre os espaços dos romances contemporâneos solicita o entendimento das hierarquias sociais que estão refletidas ali:

Incorpora-se aqui o entendimento de que os espaços físicos refletem as hierarquias sociais e que pobres e ricos ou mulheres e homens, por exemplo, têm acesso diferenciado a diferentes locais. [...] Trata-se, pois, não simplesmente de indagar as maneiras como o espaço aparece representado nas obras literárias, mas de analisar os diferentes modos como a literatura produz, em contextos distintos, sistemas de significação e de valor sobre o espaço, expondo tensões, restrições e, mesmo, possibilidades (Dalcastagnè, 2015, p. 87-88)

Assim, busca-se discutir essas hierarquias que os espaços de dois romances contemporâneos apresentam: o primeiro deles, *Becos da memória*, da professora e escritora mineira Conceição Evaristo, publicado no ano de 2006, pela Mazza editora, quase 20 anos após o seu processo de escrita; o segundo, *Torto arado*, de autoria do geógrafo e escritor baiano, Itamar Vieira Junior. Este último romance foi publicado em 2018, na cidade de Lisboa, quando venceu o Prêmio LeYa de Literatura, em Portugal, e no ano de 2019, ganhou edição brasileira pela editora Todavia.

Ambos têm conquistado destaque no cenário literário com narrativas que apresentam o protagonismo de mulheres negras e os afetos experimentados por elas. Os textos transmitem ainda as implicações de gênero e de raça que circundam essas existências e que substanciam o sexismo e o racismo da sociedade brasileira, dois mecanismos que lançam interditos às mulheres negras em todos os sentidos, seja ele físico, moral, psicológico, econômico ou social. As obras, sobretudo, afirmam as identidades dessas mulheres fornecendo à literatura outros locais de enunciação e a descoberta de outras subjetividades, diferentes culturas e crenças, que o elitismo literário evitou por anos, conforme destaca Dalcastagnè (2021):

Os brancos somam quase quatro quintos das personagens (consideradas as “importantes”, isto é, com algum peso no desenrolar da trama), com uma frequência mais de dez vezes maior do que a categoria seguinte (negros). Em 56,6% dos romances publicados entre 1990 e 2004, não há nenhuma personagem não branca. Em apenas 1,6%, não há nenhuma personagem branca. E dois livros, sozinhos, respondem por mais de 20% das personagens negras (Dalcastagnè, 2021, p. 135-136).

Em pesquisa de mapeamento, coordenada por Dalcastagnè (2011), constatou-se que “a personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca”. As 258 obras analisadas

apontaram para a escassa representação de mulheres e homens afrodescendentes, em livros publicados dos anos 1990 a 2004, pelas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco. Diante dos resultados extraídos no estudo, visualizamos como a autoria e o protagonismo ficcional por parte de autores e personagens negros foram negligenciados na literatura do país.

Os trabalhos de Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior, por outro lado, desencadeiam diferentes modos de fabulação. O protagonismo é tomado por mulheres negras e homens negros; os textos trazem a potência da realidade experimentada pela autoria de origem afro-brasileira; as vivências de um e de outro estão amalgamadas às linhas poéticas que ganham vida nas mãos destes dois. Para o registro deste movimento, Conceição Evaristo nos oferece o conceito de *escrevivência*:

Nossa *escrevivência* traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (Evaristo, 2020, p. 30)

Deste modo, as leituras de *Becos da memória* e de *Torto arado* nos lançam nesse fundir-se de escrita e vivência dos autores, experiências que se cruzam e se conectam entre as personagens ficcionais e a autoria textual. Os dois romances são protagonizados por personagens negras que resistem aos interditos da sociedade do Brasil - elitista e racista desde o período da colonização até os dias mais recentes - desse modo, Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior traduzem experiências de uma coletividade afrodescendente em solo brasileiro, a escrita literária dos dois não se isola no experimento único, mas estende-se àqueles que foram atravessados pela violência europeia e que ainda hoje são violentados, oprimidos e mortos pelo Estado.

Cabe ressaltar que essas *Escrevivências* mobilizam também outros sentidos, um deles, a escuta; os dois romances possuem esse fio condutor: são originados no gesto de escuta ancestral. É nesse sentido que Conceição Evaristo revela o processo de construção do seu texto imbuído deste movimento de escrita-vivida:

Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência*. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. Assim nasceu a narrativa de *Becos da memória*. Primeiro foi o verbo de minha mãe (Evaristo, 2017, n.p).

À medida em que traz à sua obra vozes que antecederam a sua existência, a escritora viabiliza que outras mulheres e outros homens de origem africana ocupem lugar na literatura. A sua escrita é também, pois, a celebração da vida de todas as gerações passadas, vindouras e presentes. Estar viva e fabulando criticamente num país como o Brasil é um ato de resistência

e coragem que nem todas as mulheres negras puderam experimentar; ficcionalizar o país escancarando as suas opressões, falhas e abusos, como Conceição Evaristo faz, é revolucionário, potente.

A construção da narrativa de *Torto Arado* realiza também esse movimento de escrita-vivida, como em *Becos da memória*. Itamar Vieira Junior revela que a sua experiência descortinou histórias como aquelas que se desenrolam no seu romance de estreia:

Torto arado antes de mais nada é uma história de amor à terra que me foi narrada muitas vezes, por conta de meu trabalho como servidor, trabalhando com camponeses, trabalhadores rurais, quilombolas, indígenas, assentados, acampados, ribeirinhos, comunidades tradicionais como um todo, ao longo de 15 anos eu pude ouvir inúmeras vezes sobre as relações que eles mantinham com a terra. [...] Ao longo de minha vida eu pude andar pelo interior do país, principalmente interior do Nordeste e, pude conviver, viver, muitas coisas que eram vividas no campo e percebi que o Brasil é um país ainda marcado profundamente por seu passado colonial, pelo sistema escravagista que deixou um legado, a vulnerabilidade de populações do campo e muitas vezes essas pessoas têm o seu trabalho explorado, suas vidas exploradas, tocadas de uma forma muito dura [...] (VIEIRA JUNIOR, 2020, n.p)

São as escutas, as andanças e as vivências pelo nordeste do Brasil que substanciam o trabalho literário de Itamar Vieira Junior, homens e mulheres do sertão baiano ganham voz no enredo que pretende externar as relações que os povos negros têm com a terra, revelando a face de um país ainda opressor e violento com os herdeiros da diáspora.

A análise em torno da obra *Torto arado* é feita a partir da perspectiva de duas protagonistas do texto: Bibiana e Belonísia. As duas compartilham o mesmo laço familiar e dividem as suas experiências vividas na Fazenda Água Negra, localizada no sertão da Bahia. As irmãs reparam o modo como as famílias pobres e negras da fazenda são exploradas a serviço da família proprietária da terra. Bibiana e Belonísia percebem como as relações de poder são estabelecidas naquele espaço, as pessoas dali tornavam-se “trabalhadores cativos da fazenda” (Vieira Junior, 2019, p. 34), em constante domínio dos proprietários ricos.

Este fato evidencia que a opressão lançada sobre os povos negros vigora, apesar da passagem do tempo, como conta Belonísia:

Meu pai havia nascido quase trinta anos após declararem os negros escravos livre, mas ainda cativo dos descendentes dos senhores de seus avós. Minha avó, Donana, tinha dado à luz o filho José Alcino em meio a uma plantação de cana na Fazenda Caxangá. Ele nasceu no meio de um charco, porque não haviam permitido que sua mãe deixasse de trabalhar naquele dia. Meu pai veio ao mundo cercado das mulheres que, assim como minha avó, cortavam apressadas a cana sob a vigilância dos capatazes da fazenda (Vieira Junior, 2019, p. 164).

Na obra, percebemos que a distância temporal entre os tempos de vida de pai e filhas, não altera o ciclo oprimido *versus* opressor; apenas se configura em novos modos de dominação. Zeca Chapéu Grande ou José Alcino, pai de Bibiana e Belonísia, nasce no pós-abolicionismo,

contudo, percebe-se que no avanço do tempo perpetua-se as relações violentas de poder, haja vista, que as suas filhas estão de modo similar, embrenhadas na subordinação imposta pelos herdeiros da Fazenda Água Negra, como outrora esteve a ancestral Donana submetida na Fazenda Caxangá.

Em *Becos da memória*, Maria-Nova nos acompanha na análise depreendida a partir do seu espaço de morada e convívio: a favela. O texto é narrado a partir das lembranças que esta personagem evoca: “A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas de patroas que quaravam ao sol. Molambos nossos lavados com o sabão restante” (Evaristo, 2017, p. 16). A localização mais exata deste espaço ou em qual cidade específica se situa não fica explícito na obra, muitos acreditam ser a representação do extinto morro do Pindura Saia, na capital mineira, onde Conceição Evaristo viveu e passou pelo processo de desfavelamento, assim como a favela de Maria-Nova passa.

O espaço marcado pelo racismo, pela discriminação e pela falta do amparo estatal ressoa neste romance e expõe as ordens hierárquicas fluentes entre os moradores da favela e os donos do poder. Como acontece em *Torto arado*, Maria-Nova, outra personagem negra, reflete sobre a pobreza extrema e a precariedade das vidas naquele espaço. As relações com o passado também são feitas:

Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar, como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava (Evaristo, 2017, p. 72-73).

A associação entre favela e senzala exprime o sentimento contínuo da opressão que permanece lançada aos povos negros na favela mesmo depois do processo de escravização. A vizinhança representa bem a casa-grande porque possui poder, mando, atribui ordens e é, por consequência, quem oprime.

Desdobramentos outros circulam nos textos de Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior, nos direcionando para a compreensão de que as duas obras apresentam espaços de disputas, tendo em vista que existem relações de poder cruzando esses campos.

Espaços contestados e os diálogos possíveis entre favela e sertão, no texto literário

Na obra *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à Teoria da Literatura*, os autores Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira (2001) indagam: “É possível *ser* sem *estar*?” (Santos; Oliveira, 2001, p. 67). A nossa discussão em torno dos dois textos literários selecionados para esta análise, se inicia com essa interrogativa pois, pretende

perceber a que modo as três personagens - todas elas mulheres negras - compartilham as suas experiências a partir de seus locais de inserção, dos espaços em que habitam, observando-se as relações que elas estabelecem uma vez situadas nos espaços específicos de cada obra: Maria-Nova, a favela; Bibiana e Belonísia, a região sertaneja.

Segundo Santos e Oliveira (2001), a personagem ficcional pode estar situada de diferentes formas dentro da narrativa:

Podemos situá-la fisicamente (criamos um espaço geográfico), temporalmente (definimos um espaço histórico), em relação a outras personagens (determinamos um espaço social), em relação às suas próprias características existenciais (concebemos um espaço psicológico), em relação a formas como essa personagem é expressa e se expressa (geramos um espaço de linguagem), e assim por diante (Santos; Oliveira, 2001, p. 67 - 68).

Nesta discussão, em específico, nos interessa pensar os espaços sociais das obras em face das relações que as personagens firmam dentro da narrativa com outras esferas sociais, com personagens inseridas em outros estratos socioeconômicos, o que nos possibilita um exercício dialógico entre ficção e não ficção.

No romance *Becos da memória* (2017), a personagem Maria-Nova narra o processo de erradicação da favela que consiste, até certo momento, no espaço de morada da personagem e comunidade. Esse processo é envolto de perdas no âmbito físico, moral e identitário; vidas são perdidas, projetos, sonhos e sustentos interrompidos; as famílias deixam as suas moradas, contrariando o desejo de ficar: “Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir?” (Evaristo, 2017, p. 71).

No texto de Conceição Evaristo, a retirada do espaço pode ser lida como parte de um projeto de apagamento da favela que ultrapassa o sentido físico ou material. Como veremos, o desfavelamento dá lugar a um projeto ambicioso que sequer tem o seu nome revelado:

Havia um ano que a coisa estava acontecendo. A favela era grande e haveria de durar muito mais. Dava a impressão de que nem eles sabiam direito por que estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez. [...] Não se sabia se os pretensos donos seriam de uma companhia particular ou se gente do governo (Evaristo, 2017, p. 116-117).

Rostos, nomes, corpos e identidades são postos ao esquecimento à medida em que o espaço é preenchido pelo vazio, nesse sentido, interromper o fluxo da vida na comunidade destinando-a ao desconhecido, revela a intencionalidade dessa ação violenta. A ausência do nome responsável pela erradicação da favela de Maria-Nova reforça essa visão, ao passo que evidencia um projeto de aniquilação sustentado por mãos diversas com a certeza de algo em comum entre elas: ambas representam o poder, o mando, a posse.

A saída do espaço afeta também as identidades dos moradores, visto que, elas são construídas a partir do convívio e das relações que os sujeitos estabelecem em sociedade. Deste modo, cabe indagar a que maneira as identidades das personagens de *Becos da memória* são formadas nesse processo de remoção súbita em que os laços afetivos e sociais são rompidos. Postos fora do local que emana a sobrevivência e institui os vínculos humanos, os indivíduos partem com os fragmentos e as lembranças daquilo que um dia foram e constituíram.

O espaço modificado também perde as suas características e as suas marcas identitárias, o solo se torna plano, sugerindo o soterramento das histórias e das vidas que a princípio lhe ocuparam: “Um terreno, que antes era reconhecível até de olhos fechados, de um momento para o outro perdera todas as suas características. Perdera todo o tortuoso relevo. Os becos de onde saltavam tantas vidas desapareceram como se nunca houvessem existido” (Evaristo, 2017, p. 178-179). A personagem Maria-Nova constata a nova face que a favela gradativamente assume e percebe essa investida de apagamento que é lançada sobre o espaço e sobre as memórias que nele foram construídas.

O romance *Torto Arado* (2019) apresenta discussões relativas ao espaço e às relações de poder que o perpassam, similar ao que ocorre no romance de Conceição Evaristo (2017). Aqui, contudo, os donos desse poder têm os seus nomes revelados. A princípio, a família Peixoto apresenta-se como dona da terra em que Bibiana, Belonísia e demais familiares vivem. Mais tarde, a posse da fazenda é transferida a Salomão.

O sertão baiano da obra de Itamar Vieira Junior exhibe pessoas sendo exploradas em terras cujos proprietários são considerados por Bibiana “descendentes longínquos dos colonizadores” (Vieira Junior, 2019, p. 54). A personagem percebe a exploração da força de trabalho dos moradores da Fazenda Água Negra, mantidos nas terras com a mínima condição de subsistência em prol do lucro gerado aos ricos fazendeiros. No trecho em que expande a proposta adotada para angariar mais trabalhadores para o campo, Bibiana constata a investida de explorar a mão de obra, sem garantir às famílias o direito, a posse:

O gerente queria trazer gente que “trabalhe muito” e “que não tenha medo de trabalho”, nas palavras de meu pai, “para dar seu suor na plantação”. Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescerem substituiriam os mais velhos (Vieira Junior, 2019, p. 41).

A característica frágil dos laços suscetíveis de se estabelecer naquele espaço aponta para o descarte dos sujeitos quando conveniente às famílias proprietárias. A negação de um

material mais concreto e resistente à construção das moradias é também a negação da fluência da vida negra e pobre naquelas terras, no sentido de possuí-las, de tê-las por direito. Enquanto corpos explorados e violentados a permanência é rentável, uma vez que favorece o enriquecimento da família Peixoto. Já a substituição dos trabalhadores por seus descendentes, externa a investida em torno da perpetuação da violência às gerações vindouras, fato que nos conduz ao diálogo com o período de escravização dos povos negros em terras brasileiras, quando os filhos passavam a ocupar o lugar do escravizado, assim como aquele que foi imposto aos seus ancestrais.

Na obra *Pertencimento: uma cultura do lugar*, bell hooks (2022) afirma que “Quando temos amor pela terra, cultivamos uma forma de amor-próprio mais completa” (hooks, 2022, p. 67), na obra de Itamar Vieira Junior, a personagem Belonísia ilustra esse pensamento: há de sua parte - por assim mesmo querer - o manejo, o cuidado e o bom mantimento da terra, conforme aprendia com seu pai, Zeca Chapéu Grande. No entanto, diferente dele, Belonísia percebe e contesta às subordinações impostas pela família rica proprietária daquela terra. Nesse caso, a afeição que tem pelo espaço não lhe cega os olhos sobre as opressões que sofre ali, naquela “terra hostil de sol perene e chuva eventual, de maus tratos, onde gente morria sem assistência, onde vivíamos como gado, trabalhando sem ter nada em troca, nem mesmo o descanso [...]” (Vieira Junior, 2019, p. 127-128).

Assim, *Torto Arado* (2019) anuncia a violência e a opressão perpetuadas em solo brasileiro e permite leituras em constante conexão com o passado e o presente do país, de modo que o texto ficcional se torna tão emaranhado à nossa realidade, que os limites soam quase imperceptíveis. O romance mostra que apesar da passagem do tempo, a população negra ainda é sujeitada aos diversos tipos de violências que a branquitude instaura socialmente, o que desencadeia no racismo existente nas estruturas deste país.

Cada um dos espaços analisados aqui possui peculiaridades, características únicas relativas a eles, se organizam de modos distintos, empregam diferentes maneiras de sustento, situam-se em dessemelhanças geográficas. Contudo, observa-se os diálogos entre esses dois espaços e mais, o modo como saltam das teias literárias para o nosso alcance. O racismo escancarado em *Torto Arado* e *Becos da memória* é semelhante àquele que adentra as favelas e os campos do Brasil:

No mês de agosto deste ano de 2023, 532 pessoas foram resgatadas de trabalhos análogos à escravidão, “Na área rural, as atividades com maior número de vítimas foram o cultivo de café, de alho, batata e cebola” (Craide, 2023, n.p), este ano registra o aumento de 57,8% de pessoas resgatadas em relação ao ano anterior. Em 2022, o número total de pessoas

resgatadas, segundo o Relatório do Ministério do Trabalho e Emprego, foi de 2.575 pessoas, sendo que, “92% eram homens e 83% desses trabalhadores se autodeclararam como pretos ou pardos” (Nascimento; Oliveira, 2023, n.p).

Segundo o Observatório da Segurança (2022) no ano de 2021,

O quadro das mortes decorrentes de ação policial nos sete estados da Rede, em 2021, pode ser entendido a partir de quatro chaves de leitura: explosão da matança no Rio de Janeiro e na Bahia; controle de letalidade em Pernambuco, Ceará e Piauí; importante redução de violência letal em São Paulo e desprezo pela qualidade dos dados no Maranhão. [...] Sob qualquer aspecto que analisarmos os dados de mortes em ações policiais nesses sete estados, a distribuição racial das ocorrências é reveladora dos dispositivos descritos anteriormente: negros são 97,9% dos mortos na Bahia, 96,3% em Pernambuco, 92,3% no Ceará, 87,3% no Rio de Janeiro, 75% no Piauí e 68,8% em São Paulo, quando excluimos os casos em que não temos informações sobre a cor da vítima.

O relatório *Pele alvo: a cor que a polícia apaga* (2022) mostra como o racismo estrutural está impregnado na sociedade brasileira e se manifesta sem qualquer pudor. A morte de crianças, jovens e adultos negros cresce disparadamente e o Estado parece cerrar os olhos para os fatos. Essa incidência de assassinatos de pessoas negras ocorre em maior parte dentro das favelas - espaços sociais estigmatizados - com ações estatais que idealizam combater o tráfico de drogas e o crime organizado, na teoria. Como resultado, o corpo do favelado é que tem a mira da arma para si. A verdade é que o Brasil de hoje licencia a morte de pessoas negras, como outrora licenciou a escravização de seus ancestrais.

Considerações finais

Os diálogos entre as obras de Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior apontam as diversas relações de poder que atravessam os espaços e revelam as hierarquias sociais que se estabelecem dentro e fora do texto. As disputas pela posse extrapolam as linhas da ficção assim como as denúncias do racismo. Maria-Nova, Bibiana e Belonísia são personagens em resistência, construindo novos modos de narrar a partir de espaços literários distintos, marcados por interditos e lutas.

REFERÊNCIAS

CRAIDE, Sabrina. Operação conjunta resgata 532 trabalhadores em condição de escravidão: estado com mais pessoas resgatadas foi Minas Gerais. Brasília: **Agência Brasil**, 2023.

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-09/operacao-conjunta-resgata-532-trabalhadores-em-condicao-de-escravidao>. Acesso em: 12 set. 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº (26), 13–71. Brasília, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 16 ago. 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. A cidade como uma escrita possível. In: DALCASTAGNÈ, Regina; AZEVEDO, Luciene. (Org.). **Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre (RS): Zouk, 2015.

DALCASTAGNÈ, Regina. **O prego e o rinoceronte**: resistência na literatura brasileira. Porto Alegre: Zouk, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Da construção de Becos. In: **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (Orgs.). **Escrevivência**: a escrita de nós - reflexão sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

hooks, bell. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. Trad. Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.

LITERAFRO - O portal da literatura afro-brasileira. **Conceição Evaristo**: dados biográficos. Belo Horizonte: 23 de ago. de 2023. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 29 ago. 2023.

LITERAFRO - O portal da literatura afro-brasileira. **Itamar Vieira Júnior**: dados biográficos. Belo Horizonte: 28 de abr. de 2023. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/1270-itamar-vieira-junior>. Acesso em: 23 ago. 2023.

NASCIMENTO, Alexandre; OLIVEIRA, Rayllan. Trabalho análogo à escravidão contemporâneo mantém identidade masculina e negra. Belo Horizonte: **O Tempo**, 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/trabalho-analogo-a-escravidao-contemporaneo-mantem-identidade-masculina-e-negra-1.2826756>. Acesso em: 13 set. 2023.

RAMOS, Silvia et al. **Pele alvo**: a cor que a polícia apaga. Rio de Janeiro: Rede de Observatórios da Segurança/CESeC, 2022. Disponível em: <https://cesecseguranca.com.br/livro/pele-alvo-a-cor-que-a-policia-apaga/>. Acesso em: 04 set. 2023.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais**: introdução à Teoria da Literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Em vídeo enviado ao Oceanos (cerimônia de premiação do ano de 2020). In: Oceanos Cultura. **Youtube**, 18 de dez. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bQTWM-emsKM>. Acesso em: 04 set. 2023.

